

**EM TEMPOS DE INCERTEZAS A TENDÊNCIA É REGREDIR?
PROBLEMATIZAÇÕES (IM)PERTINENTES SOBRE O ENFRENTAMENTO DA
AIDS JUNTO AS TRAVESTILIDADES**

José Augusto Gerônimo Ferreira¹

Danielle Jardim Barreto²

UNESP – Campus Assis SP¹

UNIPAR – Campus Umuarama PR²

RESUMO

Apresentamos nesse ensaio a experiência cartográfica com o público de travestis, vivenciadas durante o Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório Específico II em Psicologia, trazendo em tela, tanto as implicações do ensino de gêneros e sexualidades durante a graduação em Psicologia, quanto seus efeitos nas práxis psis. Os objetivos dessa experiência se constituíram de intervenções que se apropriaram das problematizações apresentadas pelo conceito da pedagogia da prevenção, visando como efeitos a Promoção e a Prevenção à saúde no tocante as IST/HIV/AIDS com o grupo do Chá das Trans. Ao elencarmos as questões norteadoras desta experiência não poderíamos deixar de pensar as temáticas de gêneros e sexualidades e suas relações para a legítima efetivação das políticas de HIV/AIDS atuais, assim como os efeitos que a falta das mesmas tem gerado nas corporalidades que não se enquadram as vivências cisnormativas. Nesse viés, essa experiência percorreu caminhos que, amparados pela cartografia e pela pedagogia da prevenção se fizeram diversos, tal qual, que em meio a uma era de incertezas que estamos vivendo nas políticas de HIV/AIDS - na qual a tendência é regredir - foram possíveis resgatar e agregar as temáticas de gêneros e sexualidades, efetivando-se assim uma política equitativa as questões e necessidades das travestilidades.

Palavras chaves: Crise nas políticas; HIV/AIDS; travestilidades, chá das trans.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



INTRODUÇÃO

Apresentamos neste ensaio a experiência dos encontros cartográficos vivenciados com as travestis¹ de uma cidade do interior do Paraná. As experiências aqui relatadas fazem parte das intervenções com o público acima mencionado, sendo efetivadas em interfaces da Psicologia Social e agenciadas através do contrato institucional entre a Universidade e o Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA² e Serviço de Atenção Especializada – SAE as IST/HIV/AIDS.

Assim sendo as ações possibilitadas são provenientes do Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório Específico II que, referenciado ao Centro de Referência supracitado e da elaboração prévia de um projeto de intervenção visou possibilitar ações articuladas e integradas de Promoção e Prevenção à saúde das travestilidades³, especificamente no tocante as IST/HIV/AIDS.

É sabido que o atual cenário político que estamos vivendo no Brasil apresenta um arcabouço de incertezas que percorrem os mais distintos setores que interseccionam os interesses de ordens sociais, inclusive nos setores da saúde pública, com impactos diretos a vida humana. Vivemos tempos em que é preciso resistir para existir, pois presenciamos a todo o momento o aniquilamento dos direitos e princípios básicos que nortearam a democratização e a instalação de políticas que garantem e/ou garantiam “certa” estabilidade e amplitude dos direitos e da equidade das questões que viabilizam ou não a efetivação das políticas (CORRÊA, 2016).

Sonia Corrêa (2016) tem alertado que a resposta brasileira a epidemia de HIV/AIDS tem vivido tempos tormentosos e incertos, sendo atravessadas por uma

¹ A partir das contribuições de Benedetti (2000, p. 06) Peres (2015) entende as travestis como “aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo, com o objetivo de moldá-los mais precisamente com o das mulheres, vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejarem explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina” (PERES, 2015, p.39).

² Os “Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), caracterizam-se pela oferta do teste sorológico anti-HIV acompanhada de aconselhamento pré e pós-exame, gratuidade, voluntariedade e confidencialidade” (FERREIRA et al, 2001, p.482)

³ O termo travestilidade é entendido por Peres (2011) como “variações múltiplas dos modos de se compor como uma travesti, sempre em construção permanente, como processualidades” (Peres, 2011, p. 83).

Realização:



Apoio:



forte onda conservadora e moralista que incide na formulação e na execução das políticas de saúde do país, retirando dos planos de discussões as questões de gêneros e sexualidades tão presentes no corpo das políticas dos anos 80. Segundo a autora esses movimentos conservadores ganham forças em um estado democrático que lança mão dos direitos humanos e da não discriminação as dissidências sexuais, para assumir uma ênfase de enfrentamento a epidemia do HIV/AIDS focada única e exclusivamente nas estratégias biomédicas como principal diretriz da política nacional (CORRÊA, 2016).

Fernando Seffner e Richard Parker (2016) compartilham das mesmas problematizações ponderadas por Corrêa (2016) e acreditam que o Brasil vive uma neoliberalização da prevenção do HIV. Segundo os autores a resposta brasileira a epidemia de AIDS em destaque no segundo milênio, baseia-se no uso da medicação e no controle biológico do vírus, sendo essas estratégias o carro chefe para a erradicação da doença. Todavia essa estratégia não é o único método e nem mesmo o único caminho a ser percorrido, porém sua 'divindade' atribuída pela categoria científica e pelos discursos hegemônicos tem excluído modos potentes de enfrentamento a epidemia de AIDS no Brasil, inclusive as ações que se orientam por uma pedagogia da prevenção.

Tal conceito (pedagogia da prevenção) nos é apresentado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA, a qual propõe uma reinvenção da prevenção ao HIV no século XXI e critica os dispositivos nacionais e internacionais que disseminam que o fim da AIDS está próximo, denunciando que novas abordagens e posicionamentos ao enfrentamento da epidemia são necessários (GAVIGAN et al, 2015).

Ressalta ainda que, na contemporaneidade há uma diversidade de opções de métodos e/ou tecnologias desenvolvidas em torno da prevenção e do tratamento do HIV/AIDS, as quais adotam abordagens biomédicas, comportamentais e estruturais, no entanto, tampouco são eficazes sem a adoção de mecanismos que oportunizem além da informação do leque de métodos e/ou tecnologias disponíveis, a conscientização de quais métodos e/ou tecnologias mais eficazes de acordo com a realidade de cada pessoa. Assim sendo, a pedagogia da prevenção, possibilita o emergir de novas perspectivas, pois visa antes o empoderamento das pessoas e da

Realização:



Apoio:



sociedade que, informad@s⁴ e conscientizad@s, podem decidir quais métodos e/ou tecnologias fazem mais sentidos a sua realidade (GAVIGAN et al, 2015).

E é nesse cenário de extremo conservadorismo em que transitam as políticas de HIV/AIDS no Brasil que relataremos à experiência das intervenções de Promoção e Prevenção a saúde das travestilidades. É nesse cenário que criamos rupturas nas molaridades⁵ de um sistema hegemônico, cisnormativo⁶ e verticalizado assumindo as heterogeneidades e a performatividade das corporalidades travestis enquanto estéticas de vidas possíveis, pessoas cidadãs e possuidoras do direito a saúde, a informação e a prevenção.

E foi no percurso dessa jornada que muitas vezes nos perguntamos o que poderia a Psicologia enquanto ciência e profissão e @s psicólog@s étic@s e comprometid@s contribuírem nos contextos de práticas voltadas as travestilidades? Como subverter a unificação da Promoção e Prevenção as IST/HIV/AIDS com práticas de cunho unicamente biomédicas? E como propor intervenções norteadas pela pedagogia da prevenção a uma população invisível a maioria dos Centros de Testagem e Aconselhamento?

Experimentamos e vivenciamos no corpo o desenvolver dessas perguntas e de muitas outras que atravessaram nosso percurso, acreditando que são perguntas que não se fecham, não se totalizam e muito menos se esgotam e que a Psicologia juntamente com @s psicólog@s étic@s e comprometid@s pode contribuir significativamente nesses espaços, reivindicando direitos e potencializando a vida, os sujeitos, a comunidade e as coletividades em geral. Nosso saber deve ser direcionado a todos e todas, especificamente aquel@s que demandam e sofrem as iniquidades e estigmatizações sociais por viverem, convirem e pertencerem a grupos estigmatizados.

⁴ “O uso do símbolo arroba (@) durante toda a execução deste trabalho segue uma perspectiva de escrita feminista, conforme proposto no trabalho da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC). Tal perspectiva visa buscar, também na escrita, a igualdade entre os gêneros, de modo que, quando nos referirmos a pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino, estaria aí contemplado tanto um quanto o outro, em oposição à linguagem padrão na qual o masculino serve para englobar homens e mulheres” (Teixeira-Filho, 2013, p. 13).

⁵ Trata-se de modelos dominantes, estados definidos binariamente no contexto social, como por exemplo: sexos (homem e mulher), idades (adulto e criança), classes (dominante e sujeitada), raças (brancos e outros), etc. (DELEUZE GUATARRI, 1996).

⁶ “A construção desse termo visa, entre outras coisas, visibilizar o privilégio e legitimidade dado as pessoas não Trans dita como “normais”” (Rodríguez, 2014, p. 36).

Realização:

Apoio:



Diante disso apresentaremos no presente ensaio a confecção de novas tessituras das práticas psi voltadas a Promoção e Prevenção da saúde ao HIV/AIDS no contexto das travestilidades, pois acreditamos que as demandas do contemporâneo exigem o descortinar de outros caminhos.

Nessa perspectiva, também acreditamos que as discussões das temáticas de sexualidades, gêneros, práticas sexuais, desejos e prazeres oportunizadas durante a graduação, corroboram para o fazer/construir psi contemporâneo, visto que amplia e reinventa novas possibilidades de vida. Além disso, apresenta problematizações que retira a Psicologia dos tradicionais consultórios e a coloca em contato com a produção humana em toda sua potência, desmontam-se, portanto territórios fixos e hegemônicos de um saber localizado e o pluraliza, levando-o a vivências reais e concretas.

Assim sendo, apresentamos nas linhas que sucedem a continuidade desse ensaio parte das vivências oportunizadas através dos encontros com o grupo do chá das trans, todavia alertamos aos leitor@s que tampouco conseguiremos transmitir a potencia do vivenciar junt@s, mesmo assim @s convidamos a experimentar outras possibilidades de encontros.

REGREDIR OU TRILHAR OUTROS CAMINHOS?

Emergid@s em possibilidades infinitas de caminhos, enquanto estagiári@s optamos por vivenciar e experimentar alguns caminhos que para muit@s são tidos enquanto caminhos marginais, além das fronteiras de legibilidade, aqueles caminhos, cujos profissionais enrijecidos pela hegemonia científica se recusam a caminhar por acreditar não ser sua a função de garantir o direito a saúde e a dignidade humana a todos os humanos.

Destarte, nos despimos de qualquer conservadorismo e não condizemos com posicionamentos inviabilizadores de tantas possibilidades de vida, pelo contrário, assumimos caminhos que se encaminham com o caminhar daqueles e daquelas cujas vidas são negligenciadas por práticas e discursos violentadores de singularidades. Assumimos, portanto “caminhos” no plural, pois compreendemos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



que a vida também é plural e que as experiências podem ser cartografadas em suas potentes experimentações singulares.

É importante salientar que os encontros com as travestis não se fizeram de uma hora para outra, seu percurso trilhou antes caminhos de resistências e persistências, caminhos que nem se fizeram, pois se esbarraram em preconceitos e discriminação de uma sociedade rígida e cisnormativa que não permite e não admite visibilizar as potencialidades de suas vivências. No entanto resistimos e persistimos, pois acreditamos na possibilidade da invenção de novas práticas psi que sejam resistentes aos saberes e poderes institucionalizados, que provoquem experiências políticas em acordo com os direitos humanos, rompendo com os conservadorismos enraizados.

Assim sendo, através das práticas em Consultório de Rua emergiu a possibilidade de desenvolver oficinas temáticas, assim como a articulação de estratégias de Redução de Danos direcionadas a população travesti. Esta modulação torna-se de fundamental importância no contexto contemporâneo visto à defasagem de atenção e cuidado por parte dos serviços e profissionais da saúde, inclusive por parte d@s psicólog@s, que imbuídos de moralidades negligenciam o atendimento e o direito ao acesso dessa população nos espaços de saúde pública (SOUZA et al., 2015).

No entremear dos nossos encontros surgiu a possibilidade da confecção de um grupo para problematizarmos algumas especificidades do projeto de intervenção e das vivências travestis, no entanto para que isso de fato acontecesse precisávamos antes compreender como as colaboradoras visualizavam a Psicologia e @s psicólog@s @s quais atravessaram suas vidas.

Dessa forma como método de proximidade do público alvo iniciamos nosso primeiro Chá das Trans partindo da (des)construção da Psicologia e d@s psicólog@s como profissionais que normatizam, corrigem, patologizam e/ou curam algo, mas sim como profissão e profissionais que caminham junto na tentativa de criar novos territórios de experimentações que valoram a vida e empodera sua liberdade. Tais problematizações se tornaram pertinentes visto que a maioria das colaboradoras já haviam passado por psicólog@s e em quase todas passagens as experiências não foram positivas.

Realização:

Apoio:



Desde então novos encontros se sucederam, os quais possibilitaram o mostrar-se de ambos os lados, de nossa parte compartilhamos algumas de nossas vivências, sonhos e alegrias, por parte delas permitiram-nos vivenciar e acompanhá-las em suas batalhas nos guetos da prostituição, afirmando que nascia um vínculo entre estagiári@s e travestis. Ao todo foram realizados seis encontros oficiais com o grupo do chá das trans, sendo esses direcionados através de questões apresentadas pelas próprias colaboradoras, respeitando o tempo e limite de cada uma, assim como a proposta principal dos encontros.

A constituição do Grupo do Chá das Trans possibilitou a movimentação de novos territórios de experimentações, que agenciaram, por meio dos encontros, problematizações efetivas sobre os processos que envolvem a temática de maior interesse, qual seja, a Promoção e a Prevenção do cuidado no tocante IST/HIV/AIDS, assim como na articulação de estratégias de redução de danos das vulnerabilidades que atravessam essas corporeidades. Suas ações transcenderam os territórios de vivências – residência onde moram e guetos da prostituição – e provocaram deslocamentos aos corpos, levando as travestis ao Centro de Testagem e Aconselhamento para participarem da campanha do outubro rosa realizada para cismulheres e travestis que trabalham com a prostituição.

Na ocasião o centro de referência ganhou um colorir que não havíamos visto desde nossa chegada ao estabelecimento, houve mobilização e engajamentos da equipe que se disponibilizou a trabalhar em horário e dia especial para atender as demandas das cismulheres e principalmente das travestis que trabalham nas noites e usam a maior parte do dia para descansar. Assim sendo, atendendo as especificidades das usuárias os atendimentos foram realizados no período vespertino.

Dentre as ações de Prevenção e Promoção a Saúde das travestilidades no tocante as IST/HIV/AIDS desenvolveu-se estratégias dialogadas com o médico e @s profissionais da saúde, que a principio se deram por uma linguagem técnica que aos poucos se desfez, tornando-se entendível ao vocabulário e realidade das usuárias. Tais diálogos trouxeram problematizações e informações acerca das formas de cuidado, assim como das opções de tratamento disponíveis no serviço. Foram realizadas as testagens para HIV, Sífilis e Hepatites B e C e ofertado oficinas de

Realização:



Apoio:



maquiagem e massagem que provocaram além do cuidado a saúde outras experimentações.

Avaliamos que o encontro no centro de referência em toda sua potencia e efetividade agenciou novas relações entre as travestis e o estabelecimento, confeccionando trocas de saberes que articularam estratégias de Promoção e Prevenção à saúde no tocante IST/HIV/AIDS, cumprindo-se o que orienta a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) a qual visa promover acesso, integralidade e equidade do atendimento a saúde da comunidade LGBT em todas as instâncias do Sistema Único de Saúde e dentre as estratégias do cuidado postula “a manutenção e o fortalecimento de ações de prevenção das DST/aids, com especial foco nas populações LGBT” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p. 12).

Deste feito, retomando as problematizações que elencamos no início desse relato que, nos apresenta incertezas no cenário político com explícitas regressões que impactam a vida e a dignidade humana, avaliamos ainda que há muito percurso pela frente, há muito que se lutar, porém é preciso resistir e insistir, pois é possível criar fissuras nas hegemonias e vivenciar os efeitos que garantem a equidade do direito, para isso “é preciso querer saber das verdades do outro e não ficarmos presos à mesmice de nossas verdades, tantas vezes apoiadas em privilégios” (AZEREDO, 2002, p. 16), é preciso estar em contato com a produção humana em seus territórios de vivências, estabelecendo vínculos que serão a porta de entrada na garantia dos direitos. Finalizamos esse relato cientes de a luta não deve parar, pois o caminho é longo e regredir ou unificar o atendimento não apresentará soluções para demandas emergentes que envolvem a epidemia da Aids no Brasil.

REFERÊNCIAS:

AZEREDO, S. M. da M. **O político, o Público e a Alteridade Como Desafios para a Psicologia.** *Psicologia ciência e profissão*, 22 (4), 14-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v22n4/03.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.** Brasília, 2013. Disponível em: <www.saude.gov.br/bvs>. Acesso: 04 de abril de 2017.

Realização:



Apoio:



CORRÊA, S. A resposta brasileira ao HIV e à AIDS em tempo tormentosos e incerto. In: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. **Mito vs realidade: sobre a resposta brasileira à epidemia de HIV e AIDS em 2016**. Rio de Janeiro, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs- capitalismo e esquizofrenia, vol3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS).

FERREIRA, M. de P. S. **Testagem sorológica para o HIV e a importância dos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) – resultados de uma pesquisa no município do Rio de Janeiro**. v.6, n.2. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n2/7018>>. Acesso em: 17 de março 2017.

GAVIGAN, K. et al. **Pedagogia da prevenção: Reinventando a prevenção do HIV no século XXI**. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2016. Disponível em: <http://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Pedagogia-da-Preven%C3%A7%C3%A3o_portugues_nov2015.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2017.

PERES, W. S. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, L. A. F. de et al. (org). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília, 2011.

PERES, W. S. **Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2015.

RODRIGUEZ, A. M. M. **experiências de atenção à saúde e percepções das pessoas transgênero, transexuais e travestis sobre os serviços públicos de saúde em Florianópolis/sc, 2013-2014**. Florianópolis – SC, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129499/329251.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 de abril de 2017.

SEFFNER, F.; PARKER, R. A neoliberalização da prevenção do HIV e a resposta brasileira à AIDS. In: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. **Mito vs realidade: sobre a resposta brasileira à epidemia de HIV e AIDS em 2016**. Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, M. H. T. et al. **Violência e sofrimento social no itinerário das travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil**. Rio de Janeiro, 2015.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. **Psicologia e Teoria Queer: das identidades aos devires**. Tese de Livre-docência. Assis, 2013.

ABSTRACT

We present in this essay the cartographic experience with the travestis public, experienced during the Specialized Curricular Supervised Internship II in Psychology, bringing to light both the implications of the teaching of genres and sexualities during

Realização:



Apoio:





graduation in Psychology, and their effects on psis praxis. The objectives of this experiment were to establish interventions that appropriated the problematizations presented by the concept of prevention pedagogy, aiming at the promotion and prevention of STI / HIV / AIDS with the Trans tea group. By highlighting the guiding questions of this experience, we could not avoid thinking about gender and sexuality issues and their relationships for the legitimate fulfillment of current HIV / AIDS policies, as well as the effects that the lack of them has generated on corporations that do not fit The cognitive experiences. In this bias, this experience traveled along paths that, supported by cartography and the pedagogy of prevention, were diverse, just like that, amidst an era of uncertainties that we are living in HIV / AIDS policies - in which the tendency is to regress - were Possible to rescue and aggregate the themes of genres and sexualities, thus effecting an equitable policy on the issues and needs of cross-dressing.

Keywords: Crisis in policies, HIV / AIDS, transvestites, trans tea.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

